

Oportunidade para que poupanças no exterior retornem ao País

Igor Cornelsen*

A partir da nova República, em função do intervencionismo descontrolado na economia, de políticas econômicas irracionais e, muitas vezes, de intenções claras das autoridades constituídas de se apossar de poupanças privadas aplicadas no Brasil, tivemos uma grande fuga de capitais. Estima-se hoje que existam de 50 bilhões a 60 bilhões de dólares de brasileiros investidos no exterior, a maior parte em aplicações financeiras.



Há um ano a confusão parece ter-se acabado, sem que a poupança privada brasileira fosse destruída, e com uma clara lição, calote em credores do Estado (internos ou externos) não leva ao paraiso.

Aparentemente, haverá uma ótima oportunidade para os brasileiros que colocaram sua poupança a salvo no exterior para fazer um ótimo negócio e colaborar com o seu país. O Brasil está para fazer um acordo com os seus credores externos e entre as sete obrigações dele resultantes existem duas que poderão gerar ganhos de capitais de até 50% para os compradores desta dívida externa.

Os bancos privados credores do Brasil têm dívidas antigas e com juros em atraso que se denominam MYDFAs ("Multi-Year Deposit Facility Agreement"). Estes MYDFAs serão trocados por outros títulos denominados "Bonds".

Como os bancos têm medo de novas políticas econômicas irracionais e gostariam de liberar as provisões que fizeram aos empréstimos ao Brasil para melhorar seus resultados a curto prazo, obrigaram os negociadores a emitir dois "Bonds" de trinta anos cujo principal é garantido por títulos do governo dos EUA que se vencem no mesmo prazo, de tal forma que se liquidem automaticamente. A fim de se protegerem de calotes temporários, exigiram também garantia sobre juros por, pelo menos, doze meses. Como contrapartida, concederam ao Brasil desconto de 35% no seu valor inicial para o "Discount Bond" e um cupom de juros baixos

para o "Par Bond", de tal forma que seu valor de mercado, quando emitido, não ultrapassará mais do que 2 a 3% o valor atual de mercado do MYDFA 40%.

Mas, para o Brasil, a compra de títulos de trinta anos do governo dos EUA que pagam hoje menos de 8% ao ano de juros não é um bom negócio e nossas autoridades desenvolveram com habilitação outros cinco títulos que requerem menos garantias (e portanto para o Brasil são mais vantajosas a curto prazo) e têm a possibilidade de ter um valor superior quando lançados, pois seu prazo é mais curto e a taxa de juro mais elevada.

Gostaria de citar especificamente dois "Bonds" que segundo tem sido informalmente transpirado em Nova York poderiam valer, quando lançados, cerca de 60% no mercado secundário para quem comprar MYDFAs por 40% hoje.

"TIRB", um "Bond" sem desconto, cupom de 8% ao ano com cupom reduzido nos primeiros seis anos, mas cuja diferença é capitalizada no principal.

"Debt Conversion Bond" — DCB, "Bond" sem desconto de dezoito anos com dez anos de carência, pagando Libor + 13/16% de juros. Para cada US\$ 5,5 MYDFAs convertidos em DCB o investidor precisa comprar US\$ 1,00 de NMB.

"New Money Bond" — NMB é um "Bond" de quinze anos com sete de carência pagando Libor + 13/16% de juros. Como estimamos o valor de mercado do NMB em torno de 68% do valor de face, o investidor que converte MYDFA em DCB, que vale 65% após a conversão, perderia adicionalmente 5,8% se vendesse o NMB que foi obrigado a subscrever no mercado

$$\frac{1 \text{ (NMB)}}{5,5 \text{ (DCB)}} = 0,1819 \times 0,68$$

resultando nesta conversão um valor líquido de 60% para o DCB aproximadamente.

Quem comprar MYDFA a 40%, poderá ter 60% em seis meses, o que seria um lucro extraordinário em dólares. Brasileiro, ajude seu país e ganhe até 50% em dólares em seis meses ainda ficando com um "Bond" que rende quase 14% ao ano em dólares como investimento para seus descendentes!

* Diretor do Chartered WestLB Ltd.